



A PSICOLOGIA CRISTÃ PERANTE AS LINHAS DOMINANTES DA PSICOLOGIA CONTEMPORÂNEA

SANTO TOMÁS DE AQUINO E A CIÊNCIA DA ALMA - UMA PROPOSTA INTEGRADORA

*Dr. Mario Caponnetto,
Buenos Aires (Argentina)³¹⁰*



310. O Dr. Mario Caponnetto é médico cardiologista pela Faculdade de Medicina da Universidade de Buenos Aires. Estudou Filosofia na Cátedra Privada de Filosofia do Dr. Jordán Bruno Genta, em Buenos Aires, durante 18 anos. Pertence a diversas sociedades científicas da Argentina e do exterior, entre elas, a Sociedade Internacional Tomás de Aquino (SITA). Lecionou e continua lecionando nas Universidades de Salvador, FASTA e Austral (Argentina) e na Universidade Autônoma de Guadalajara (México). Ministrou cursos e seminários regulares sobre Ética, Bioética e Antropologia Filosófica. Participou em congressos e proferiu conferências em diversos locais do país e do estrangeiro e há vários anos que trabalha na tradução de obras de São Tomás de Aquino.

Introdução

Quando se observa o campo da Psicologia atual, fica impossível escapar de uma certa desilusão³¹¹. De fato, se – como é próprio e inseparável do rigor científico – nos questionarmos sobre o objeto material e formal da Psicologia, sobre seu método, seus limites epistêmicos e seu caráter como ciência (se é uma ciência prática ou especulativa, se pertence às chamadas “ciências da natureza” ou se deve ser considerada uma das chamadas “humanidades”, etc.), não encontraremos uma resposta unívoca, ou melhor, não encontraremos sequer uma resposta minimamente satisfatória. Pelo contrário, encontraremos uma multidão de enfoques, de correntes, tendências e orientações diversas e opostas. É impossível, portanto, reduzir essa dispersão a alguma forma de unidade formal. No entanto, a ciência exige, por sua própria natureza de conhecimento seguro, uma unidade formal de seu objeto, sob a qual reúne e subsume a pluralidade de seus aspectos e conteúdos. Pode-se concluir, portanto, que é evidente que tudo o que hoje se rotula como “psicologia” não passa de um conjunto diversificado de disciplinas e técnicas de natureza e propósito variados, caracterizado por dispersão, fragmentação e confusão: deve-se acrescentar a isto que a ambiguidade da palavra “psicologia” complica ainda mais esse panorama. Assim, torna-se impossível referir-se à Psicologia como uma ciência unitária, com objeto material e formal definido, método próprio etc. Tentar, hoje, abordar a Psicologia à maneira dos clássicos, questionando o “*an sit*” e o “*quod sit*” da Psicologia, é, na verdade, uma tentativa vã.

311. O presente artigo reproduz a palestra realizada no contexto do Primeiro Congresso de Psicologia do Sul Mendocino, em San Rafael, Mendoza, nos dias 23 e 24 de abril de 2010. *O foco do artigo é a psicologia cristã em confronto com as correntes dominantes da Psicologia contemporânea.*



Após essa constatação, surgem pelo menos quatro perguntas fundamentais:

- a) O que se entende por Psicologia?
- b) Tudo o que hoje é agrupado sob esse rótulo corresponde a uma única ciência, ou são materiais heterogêneos reunidos apenas por convenção linguística?
- c) A Psicologia é uma ciência à qual podemos atribuir um objeto material e formal, e atribuir um método congruente com seu objeto?
- d) O que é a psique? Existe uma realidade chamada psique? Qual é a sua natureza? É algo substancial ou mais um mero conceito funcional ou operativo? Qual é a sua relação com o corpo? É algo distinto dele ou apenas uma extensão do somático?
- e) O que é o homem uma vez que passa pelo crivo da Psicologia? Que visão da natureza e da ação do homem podemos deduzir hoje a partir dos diversos discursos psicológicos em voga?
- f) Por último, quais são as causas que levaram a esse estado de coisas? É possível encontrar algum caminho que nos leve a superar o atual panorama de dispersão, fragmentação e confusão ao qual nos referimos?

Essas quatro perguntas representam, em nossa opinião, as principais dificuldades que a Psicologia apresenta hoje para aqueles que se propõem realizar sua análise científica e crítica. Essas dificuldades, por sua vez, evidenciam claramente a grave crise da Psicologia como ciência.

Diante dessa crise, surgem duas questões fundamentais:

- a) É possível superá-la?
- b) Como? Por quais vias? As contribuições das diversas correntes psicológicas atuais têm alguma legitimidade e valor científico para construir uma verdadeira psicologia? De qualquer modo, e isso é muito importante em relação ao tema destas Jornadas, essas contribuições são passíveis ou devem ser integradas ao tronco comum da Filosofia Cristã?

Estas são as questões que serão abordadas nesta palestra.

A dificuldade central da Psicologia e suas consequências

A partir de Christian Wolff, quando a palavra “psicologia” passou a designar, no uso comum, o velho conhecimento sobre a alma, trouxe não apenas um termo desconhecido para o pensamento antigo, mas também, como bem lembra Cornélio Fabro³¹², veio também “a dificuldade central para a determinação da natureza e da tarefa da Psicologia nas circunstâncias culturais atuais”³¹³. Junto com aquele termo, relativamente novo³¹⁴ Wolff deixou aos seus sucessores a infeliz distinção (ou melhor, separação) entre uma *psychologia rationalis* e uma *psychologia empirica*. A primeira foi situada como parte de uma suposta *metaphysica specialis* (contri-

312. Cornélio Fabro (1911-1995) foi um sacerdote estigmatino italiano. Foi professor de filosofia em diversas universidades italianas, fundando, em 1959, na Pontifícia Universidade Urbaniana de Roma, o Instituto de História do Ateísmo.

313. C. Fabro, *L'anima Introduzione al problema dell'uomo*, trad. esp. JUAN ANTONIO CHOZA y CLAUDIO BASEVE, Madrid 1982, 17.

314. Rodolfo Glocenio e seu discípulo Otto Cassman, até finais do século XVI, utilizaram a palavra psicologia como título das suas obras. Cf. RUDOLPHUS GOCCLENIUS, *ψυχολογια hoc est de hominis perfectione, anima et imprimis ortu huius Commentationis variorum...*, Marburgo 1590; OTTO CASMANN, *Psychologia anthropologica seu animae humanae doctrina*, Hannover 1594.



buindo, assim, para a ruína racionalista da metafísica); como uma espécie de discurso “metafísico” sobre a realidade psicológica que procede *a priori* de um único conceito de alma humana. Por outro lado, a segunda foi concebida como fundamentada *a posteriori* na observação dos processos e conteúdos da experiência. Os textos Wolffiano sobre isso, são muito claros³¹⁵. Este dualismo de objeto e método teve sucesso. No entanto a Psicologia, que foi perturbada em seu desenvolvimento posterior, não alcançou tal sucesso. À medida que o processo da Ciência Moderna reduziu toda experiência à mera experiência sensível e mensurável, tornando a ciência baseada nessa experiência reduzida o *único* modelo válido de conhecimento científico, a separação wolffiana avançou até se consumir no século XIX, quando a ruptura se tornou definitiva. A psicologia empírica de Wolff passou a ser chamada, simplesmente, a partir dos fisiologistas e filósofos do século XIX, de *psicologia científica*, completamente independente e alheia à *psychologia metaphysica*. Dessa forma, foi consumada a separação definitiva da psicologia de toda matriz filosófica.

Podemos afirmar, portanto, que nesse ponto, ou seja, a partir dessa dificuldade capital, se inicia a aventura da psicologia contemporânea. Na construção da psicologia científica do século XIX, determinados ingredientes, que convêm ter em conta, convergiram para uma melhor compreensão do sentido dessa psicologia e do que aconteceu depois.

Em primeiro lugar, e enumerando rapidamente, é necessário mencionar a influência decisiva que o *racionalismo cartesiano* exerceu e vem exercendo sobre o desenvolvimento de toda a ciência moderna, em geral, da psicologia em particular. O dualismo alma e corpo é a herança mais difícil de remontar e, em definitiva, a

315. Cf. C. WOLFF, *Logica methodo scientifica pertractata: In psychologia rationali ex unico animae humanae conceptu derivamus a priori omnia, quae eidem competere a posteriori observantur*.

fonte original de todas as dificuldades. Acrescenta-se ao dualismo uma série de consequências, fruto da tensão entre o empirismo e realismo que caracterizou a ciência pós cartesiana: o paralelismo psicofísico, insinuado por Leibniz e desenvolvido por Spencer e Bain; o *sensacionalismo*, que nada mais é do que um empirismo sensorial que reduz o conhecimento a meros processos sensório-perceptivos; o *associacionismo*, nascido em meados do século XVIII por Hartley, considerado por alguns autores como o primeiro movimento ou “escola” estritamente psicológica e os trabalhos de John Stuart Mill e Alexander Bain que abriram caminho para o surgimento da psicologia como disciplina independente. Em princípio, essas correntes surgidas no seio da filosofia moderna, especialmente a vertente empirista, influenciaram de maneira determinante o desenvolvimento das pesquisas dos grandes fisiologistas como Johannes Müller ou Hermann Von Helmholtz, que contribuíram significativamente para a criação da psicologia experimental.

A fisiologia, por sua vez, trouxe grandes avanços no século XIX no conhecimento do sistema nervoso, os quais tiveram repercussões importantes na evolução da psicologia.

Ao lado desses elementos fisiológicos, devemos considerar as importantes contribuições da *psicofisiologia*. De fato, os fisiologistas do século XIX, enquanto avançavam no conhecimento da anatomia e fisiologia dos órgãos sensoriais, desenvolveram uma metodologia precisa e rigorosa que lhes permitiu estudar a relação entre a estimulação externa desses órgãos e as respostas sensoriais, bem como as complexas mudanças que o organismo experimentava ao receber esses estímulos. Essa metodologia influenciou o trabalho de Wundt e seu Laboratório de Leipzig, contribuindo assim para o surgimento de uma psicologia que, à medida que se identificava cada vez mais com a fisiologia - a ciência paradigmática da época - foi se tornando “científica” e abandonava definitivamente a filosofia.



A forte impressão “fisiologista” e “organicista” que caracterizou todo o desenvolvimento da chamada “psicologia científica” explica, de certa forma, o surgimento das correntes chamadas “psicologistas”, das quais o freudismo foi, sem dúvida, o paradigma. O interessante, no entanto, é observar que essas novas correntes também foram devedoras das mesmas fontes racionalistas, empiristas, fisiologistas, em última análise, mecanicistas e materialistas que alimentaram o nascimento e desenvolvimento da psicologia anterior. O “aparato psíquico” de Freud e a “homeostase da libido” da psicanálise são exemplos bastante claros disso.

Paralelamente, surgiram outras vertentes. Dilthey, no início de sua tentativa de dividir as ciências em dois hemisférios - o do “espírito” e o da “natureza” (uma projeção epistemológica da oposição conveniente ao pensamento alemão entre *Geist* e *Natur*) - propôs a Psicologia como “ciência do espírito” (posteriormente, ele a transferiu para o outro hemisfério, o das “ciências da natureza” e colocou a História em seu lugar), dando origem à chamada “psicologia compreensiva”. A Escola Fenomenológica, por sua vez, fez contribuições fundamentais, como as de von Gestalt, Frankl, etc.

Atualmente, duas grandes linhas de pesquisa, que tendem cada vez mais a se fundir, constituem a herança da psicologia científica do século XIX. Refiro-me às neurociências e à psicologia cognitiva, que nos últimos anos experimentaram um avanço espetacular. Esse avanço, traduzido em uma imensa e incessante massa de informações científicas, não é apenas quantitativo, ou seja, não significa apenas um aumento no número de nossos conhecimentos, mas é, acima de tudo, qualitativo. Ou seja, os conhecimentos acumulados até agora mudaram radicalmente nossa visão dos complexos mecanismos psicológicos, neurológicos, endócrinos, etc., dos processos cognitivos, afetivos e comportamentais do homem.

É impossível nomear todas as correntes envolvidas em uma palestra. O que queremos destacar é o seguinte: desde a ruptura inicial de Wolf - sob a clara influência cartesiana - a «psicologia metafísica» foi perdendo vigência real e efetiva no mundo científico, enquanto a «psicologia empírica», por meio de um processo gradual de desprendimento em relação à primeira, não para de se dispersar e fragmentar nas infinitas vertentes que configuram o atual panorama caótico da psicologia.

A ciência da alma segundo Santo Tomás

Chegados a este ponto, não vemos outra possibilidade de superar essa dificuldade inicial e suas consequências mencionadas senão pela formulação (ou melhor, reformulação) de uma Psicologia Geral ou Ciência da Alma, seguindo as linhas principais da doutrina tomista. Dizemos antecipadamente que essa Ciência da Alma está destinada a desempenhar um papel diretor e arquitetônico em relação a todo o conhecimento psicológico. É por esse motivo que a propomos como uma chave de valoração e integração de tudo o que é resgatável nas variadas expressões da psicologia contemporânea.

Aristóteles formulou uma Ciência da Alma; na verdade, ele foi o primeiro a formulá-la como tal. Desenvolvimentos centrais foram posteriormente realizados por filósofos árabes (Avicena) e por escolásticos como São Alberto Magno e, fundamentalmente, Santo Tomás de Aquino. Além disso, deve-se mencionar o trabalho renovador e inovador de autores tomistas contemporâneos, como Mercier, Gemelli e, destacando-se entre eles de maneira muito clara, o Padre Cornélio Fabro.

Vamos nos deter, no entanto, em Santo Tomás. Para isso, examinaremos brevemente dois textos nos quais as linhas principais de sua doutrina aparecem claramente. O primeiro dos textos ao qual quero me referir é aquele em que, em minha modesta opinião, o



Santo Doutor traça o caminho para a constituição de uma Ciência da Alma que, diante das dificuldades, fragmentação e dispersão da Psicologia atual, desempenha o papel de conhecimento diretor, ou seja, unificador e arquitetônico.

Trata-se de um breve Proêmio que Aquino antepõe ao comentário da obra de Aristóteles “De sensu et sensato”. É um texto de grande riqueza e concisão que mostra a ordem e a unidade do conhecimento científico do ser vivente.

Santo Tomás começa lembrando que:

“Assim como as coisas são separáveis da matéria, assim também estão próximas ao intelecto; pois cada coisa é tanto mais inteligível quanto mais é separável da matéria. Por isso, as coisas que, por natureza, estão separadas da matéria são, em si mesmas, inteligíveis em ato. Em troca, as que são abstraídas por nós das condições materiais tornam-se inteligíveis em ato pela luz de nosso intelecto agente. E porque os hábitos de uma potência se distinguem em espécie de acordo com a diferença do que, por si só, é objeto da potência, é necessário que os hábitos das ciências, a partir dos quais o intelecto é aperfeiçoado, também se distingam de acordo com a diferença de separação da matéria; e por isso, o Filósofo, no Livro VI da *Metafísica*, distingue os gêneros das ciências de acordo com os diversos modos de separação da matéria.” Na verdade, as coisas que estão separadas da matéria conforme o ser e a definição correspondem ao metafísico; aquelas que estão separadas conforme a definição, mas não conforme o ser, pertencem ao matemático; e aquelas cuja definição inclui a matéria sensível correspondem ao filósofo natural³¹⁶.

É notável que essa sólida correspondência entre a ciência e o ente constitui a peça chave da epistemologia de Santo Tomás. As ciências, fundamentadas no ente, guardam uma *participatio*

316. In de sensu et sensato, Proemium.

in obiecto participação no objeto; no entanto, cada uma possui um grau nessa participação, e esse é o princípio de sua unidade, distinção, pluralidade e ordenação hierárquica.

Santo Tomás continua:

Assim como os diferentes gêneros de ciências se distinguem conforme a separação das coisas em relação à matéria, da mesma forma, nas ciências particulares - principalmente na filosofia natural - as partes de uma ciência se distinguem segundo um modo diferente de separação e concretização. E tendo em vista que as “coisas” universais estão mais separadas da matéria, desta forma, na ciência natural, procedemos do mais universal para o menos universal, como ensina o Filósofo no primeiro livro da *Física*. Portanto, na ciência natural, “Aristóteles” começa tratando das “coisas” que são comuns “em grau máximo” a todos os “entes” naturais - como o movimento e o princípio do movimento - e, em seguida, avança para a concretização ou aplicação desses princípios comuns a entes móveis específicos, incluindo os seres vivos. Sobre eles também procede de modo semelhante, distinguindo em três partes essa consideração³¹⁷.

Agora, trata-se de descobrir a unidade, a pluralidade e a ordem nas ciências físicas. Dessa forma, a consideração da *Physis* começa com o mais universal, que também é o mais comum a todos os entes que se movem: o movimento e o princípio do movimento estudados na *Physica*; a partir daí, por meio de sucessivas concretizações e aplicações, são construídas as diversas ciências do mundo físico. E assim chegamos, partindo da *Physica*, à consideração dos seres vivos cujo princípio de ser e de operação é a alma. Chegamos, pois, da *Physica* ou Filosofia da Natureza, à Ciência da Alma. E as distinções continuam por meio de sucessivas aplicações e concretizações:

317. In de sensu et sentatu, Proemium.



Primeiramente, “Aristóteles” considerou a alma em si mesma, como uma certa abstração; em *segundo* lugar, fez uma consideração das “coisas” que estão na alma em uma certa concretização ou aplicação ao corpo, mas de forma geral; em *terceiro* lugar, fez uma consideração aplicando tudo o que foi mencionado anteriormente às diversas espécies de animais e plantas, determinando o que é próprio de cada uma delas. A primeira consideração está contida no livro “*De Anima*”. A terceira, por sua vez, está nos “vários” livros dedicados aos animais e plantas. Por outro lado, a consideração intermediária, “ou segunda”, está em alguns livros que ele escreveu sobre aspectos comuns a todos os animais ou a muitos gêneros deles, ou mesmo a todos os seres vivos. A eles pertence o livro “*Do sentido e o sensível*”³¹⁸.

É impossível escapar à admiração que se produz na inteligência do descobrimento dessa parábola, que vai da Filosofia da Natureza à Biologia, passando pela Psicologia, salvaguardando, ao mesmo tempo, a unidade e a pluralidade da ciência. O texto continua:

Por isso, é necessário considerar que, no segundo livro “*Sobre a Alma*”, o Filósofo determinou quatro graus de seres vivos. O primeiro deles é o daqueles que têm apenas a parte nutritiva da alma pela qual vivem, como as plantas.

No entanto, há certos “seres vivos” que, além da alma nutritiva, têm também o sentido “embora” sem movimento progressivo, como os animais imperfeitos, por exemplo, as ostras. Outros, por outro lado, têm, sobre o dito anteriormente, o movimento local progressivo; tais como os animais perfeitos, como o cavalo ou a vaca. Outros “adicionam” o intelecto, como os seres humanos. E embora o apetitivo seja colocado “como” um quinto gênero das potências da alma, não constitui, no entanto, um quinto gênero de seres vivos, pois segue sempre o sensitivo³¹⁹.

318. In de sensu et sentatu, Proemium.

319. In de sensu et sentatu, Proemium.

Finalmente, vejamos a conclusão:

O intelecto desses “seres vivos dotados de razão” não é, de fato, ato de nenhuma parte do corpo, como é provado no terceiro livro de *“Sobre a Alma”*; por isso, não pode ser considerado por concretização ou aplicação ao corpo ou a algum órgão corporal, pois sua maior concretização está na alma e sua máxima abstração nas substâncias separadas. É por isso que Aristóteles não escreveu, além do livro *“Da Alma”*, um livro sobre o intelecto e o inteligível. Ou, se o tivesse feito, não pertenceria à ciência natural, mas sim à metafísica, a qual “propriamente” considera as substâncias separadas.

Todas as outras “potências”, no entanto, são atos de alguma parte do corpo, e por isso pode haver uma consideração especial delas, seja por aplicação ao corpo ou a alguns órgãos corporais, além da consideração que já foi feita no tratado *“Sobre a Alma”*³²⁰.

O segundo texto corresponde ao Comentário de Santo Tomás da *Física* de Aristóteles. Entretanto, visto que as coisas que compreendem algo em comum devem ser determinadas primeiro e de forma geral, e considerando que não é conveniente que esse comum se repita muitas vezes nos tratados particulares, foi necessário que na ciência da natureza, no início, precedesse um livro no qual fossem tratadas aquelas coisas que compreendem, em comum, o ente que se move, da mesma forma que a “filosofia primeira”, que trata de tudo o que é comum ao ente enquanto ente, antecede todas as outras ciências.

Este é o Tratado da Física ou Filosofia da Natureza [...] cujo tema é o ente móvel em geral[...]. Após este livro, seguem outras obras de ciência natural que tratam das diversas espécies de entes móveis. Por exemplo, no *Livro sobre o Céu*, trata-se do ente móvel segundo o movimento local, que é a primeira espécie de movimento. Em seguida, no *Livro sobre a Geração e a Corrupção*, trata-se

320. In de sensu et sentatu, Proemium.



do movimento em direção à forma e dos primeiros elementos móveis em relação às suas transmutações em comum; no entanto, são abordadas no Livro sobre os Meteoros, o que se refere às suas transmutações específicas. Dos entes móveis mistos inanimados, trata-se no *Livro sobre os Minerais*; no entanto, dos entes móveis animados, trata-se no *Livro sobre a Alma* e nos que o seguem³²¹.

Neste texto, fica ainda mais claro o enraizamento da Ciência da Alma na matriz comum e universal da Filosofia da Natureza. É também importante destacar o paralelismo que Santo Tomás traça entre a Filosofia Primeira, ciência reitora de todas as ciências, e a Ciência Física, ciência reitora de todas as ciências relacionadas ao mundo físico. No entanto, é preciso observar que somente a Metafísica é universal e primeira. A Filosofia da Natureza, e com ela a Ciência da Alma, são apenas filosofia segunda, pois se dirigem a um tipo particular de ente.

Portanto, está claro que não é possível uma “psicologia metafísica” distinta e separada de uma “psicologia empírica” à maneira de Wolf. Existe uma *Ciência da Alma* - o ápice da Filosofia da Natureza - que é uma e que procede por aplicações e concretizações sucessivas e tem, sim, uma relação metafísica, como vimos no primeiro dos textos citados. Mas tocar na metafísica não a torna propriamente metafísica.

Nestes textos e outros semelhantes que poderiam ser citados, nos quais Santo Tomás comenta Aristóteles, o Santo Doutor não se limita a um simples comentário do Estagirita. Na verdade, em todos os seus comentários aristotélicos, Santo Tomás tem como objetivo mostrar a *intentio auctoris*, ou seja, a intenção que guiou o autor comentado a escrever o que escreveu. No entanto, o que acontece é que, geralmente, a *intentio* está implícita ou oculta: Tomás a explicita, mostra, revela e descobre. Também ocorre, com

321. In *Physicorum*, I, 1.

frequência, que a *intentio* está e não está no autor comentado, e Tomás, na verdade, completa o que falta, levando o texto comentado até onde o próprio autor do texto não pôde ou soube chegar.

Em minha opinião, isso é o que ocorre nos dois textos que acabei de citar e comentar. Existem outros lugares, na vasta obra tomista, nos quais o Doutor Angélico, falando por si mesmo, vai delineando as linhas principais da Ciência da Alma. Principalmente aqueles em que trata da natureza da alma humana, que, em uma elaboração sutil e única de Tomás, aparece em sua dupla dimensão de forma do corpo e substância espiritual. Sem mencionar os preciosos tratados sobre as potências da alma, os sentidos externos e internos, os apetites sensíveis, a atividade espiritual da alma, as operações, as paixões, os hábitos etc. Tudo isso constitui um verdadeiro tesouro doutrinário que pede para ser redescoberto.



Conclusão

Se tivermos em conta essas considerações que acabamos de esboçar - e que exigem, sem dúvida, uma elaboração mais precisa e detalhada - o dualismo wolffiano (e seu lamentável impacto em todo o desenvolvimento posterior da Psicologia) pode começar a ser superado, abrindo assim a possibilidade real de avaliar criticamente, resgatar e integrar as contribuições da psicologia atual, incorporando-as na unidade formal da Ciência da Alma. Pois teremos recuperado, com a unidade diretiva da Ciência da Alma, a possibilidade de compreender o mundo físico e, com ele, o mundo vivo e o homem como ser vivo, mas situado, devido



à sua alma espiritual - *forma corporis* e *hoc aliquid* ao mesmo tempo
- na fronteira entre o visível e o invisível.

A Ciência da Alma que Santo Tomás nos legou é, portanto, nossa proposta concreta em relação a um duplo fim:

- estabelecer um princípio de ordem no panorama de dispersão, fragmentação e confusão que caracteriza, como mencionamos no início, a psicologia contemporânea.
- avaliar criticamente e integrar na unidade formal da Ciência da Alma tudo o que a psicologia contemporânea coloca ao nosso alcance. Como mencionamos, uma imensa massa de informações e fenômenos pede, hoje, uma leitura inteligente. A partir do tomismo, estamos em posição de enfrentar essa resposta.



Submetido em: **06/12/2023**

Aprovado em: **20/12/2023**